

improp

SUPLEMENTO

16

INFORMATIVAS

ANO III

associação dos estudantes da faculdade de ciências de lisboa

5/12/72

CERREMOS FILEIRAS ORGANIZEMO-NOS NAS COMISSÕES DE CURSO



Neste momento, temos que reconhecer que a greve geral às aulas não está a ser a forma de luta de força que pretendíamos levar para a frente na justa defesa dos nossos colegas afastados da Faculdade.

Nós defendemos sempre que a greve geral era a posição mais correcta que poderíamos tomar - e continuamos a afirmá-lo. Pois por um lado a prisão dos nossos dirigentes sempre nos repugnou por sabermos perfeitamente que eles sempre actuaram de acordo com a vontade e conhecimento de todos nós (de resto a pida também o sabe pois eles encontram-se nas masmorras de Caxias há sete semanas sem acusação formada); por outro lado, as suspensões são uma medida porca e arbitrária do CE que premeditou o afastamento de 31 colegas.

Ora a paralização total das actividades escolares não só era (e é!) a resposta que as autoridades merecem, como tem força se for apoiada na prática e verdadeiramente cumprida; a prová-lo todas as tentativas do CE para "restabelecer a normalidade".

Além disso nós começamos a compreender o alcance da actual vaga de processos disciplinares - pelo modo arbitrário como aparece, pelas pessoas que pretende visar e pela generalização a várias escolas de Lisboa e ameaças nas restantes - numa indiscutível manobra premeditada da política governamental em relação aos estudantes, nomeadamente ao Movimento Associativo. E começamos a compreender o porquê da subtilidade destas medidas, quando ainda recentemente a brutal invasão política e massacre no Técnico e Económicas não conseguiu os efeitos desejados pelo Governo pois levantou as escolas e revol

tou os estudantes que foram, sem hesitações, para uma greve a exames não obstante as dificuldades que isso acarretou.

É por compreendermos o alcance dessa política actual que reconhecemos a necessidade de uma resposta firme e imediata.

Se não o fizermos, se não respondermos em massa e organizadamente às prisões e suspensões então estas medidas das autoridades terão ficado impunes e voltarão a ser utilizadas sempre que essas autoridades pretenderem.

Todos os direitos, que até agora conquistámos - livre informação e afixação de cartazes, livre reunião e possibilidade de resolução dos problemas que se nos levantam, etc. - ser-nos-ão retirados, pairando sobre nós ameaças de novas suspensões.

Vejamos o caso do Comercial: a fraca resposta dos estudantes às arbitrariedades das autoridades lá dentro, deixou-os totalmente à mercê de novas arbitrariedades e assim as autoridades chegaram ao desca-ramento de suspender o colega só porque na turma abriu a boca pondo uma dúvida à professora.

No entanto, uma análise da situação da nossa Faculdade leva-nos ao estudo dos motivos que tornaram a nossa greve geral uma greve "chôcha" que não serve, neste momento, os nossos interesses e a necessidade de resposta que atrás referimos.

Se nesta altura se vêem na Faculdade apenas os piquetes por um lado e os furas (e estudantes hesitantes) por outro, deixando campo aberto à livre actuação de toda a "máquina das autoridades" - continuos, pides, "profs"-polícias", fascistas

organizados, etc.- é porque aquela grande maioria de estudantes que apoiavam decididamente a greve geral (pois compreendia que ela era justa e seria eficaz) não foi devidamente integrada no trabalho.

Isto é um facto indiscutível. Mas, logo a seguir, precisamos saber o porquê deste facto. Quais foram verdadeiramente os nos sos erros?

A maior parte dos estudantes de Ciências não obstante terem facilmente reconhecido a injusteza das prisões e das suspensões e se ter sentido revoltada contra tais arbitrariedades - e isso é evidente pela simples observação dos resultados das votações em RGAs e pela participação em algumas concentrações - não compreendeu ainda as razões de fundo desta ofensiva do GOVERNO e as consequências que ele pode trazer para o MA em geral é particularmente para a situação da nossa escola.

Isto é fundamental, e teria sido correcto e necessário cumprir rigorosamente a proposta aprovada, isto é, não só levar para a frente a greve geral como colocar também em plano principal a questão da organização - reforço das Comissões de Curso, formação das equipas informativas, etc. - de modo a que um completo e aprofundado esclarecimento de todos os estudantes os levasse à compreensão da necessidade de trabalho inco~~in~~sequentemente à integração nele.

Ora isto não foi feito e os resultados estão à vista. O número de estudantes a aparecer diariamente na escola foi decrescendo nitidamente. A simples integração nos piquetes, neste caso, não era o suficiente para motivar as pessoas a prosseguir na luta sem esmorecimento. Os piquetes foram-se isolando e isso permitiu um avanço das actividades dos contínuos, dos fascistas, etc.

Neste momento a situação que se encontra na nossa escola é-nos prejudicial e a greve geral não serve a nossa luta do modo como está a ser levada a cabo.

É por isso que teremos forçosamente de fazer um interregno no que diz respeito à resposta de força que considerámos (e consideramos ainda) fundamental. Mas isso terá que ser, inevitavelmente, acompanhado da correcção dos nossos erros; sem isso não nos será possível recuperar as forças de que necessitamos.

Como propomos então, neste momento, a continuação da luta?

Propomos o levantamento temporário da greve geral, pois isso ser-nos-á útil, agora, se soubermos aproveitar o tempo. E de que maneira devemos aproveitar?

É precisamente aí que reside a correcção dos erros que cometemos. É através um esforço de organização, isto é, neste momento da consolidação das comissões de Curso, por meio do esclarecimento exaustivo de uma larga camada de estudantes e consequentemente da compreensão desses estudantes da necessidade de se lançarem ao trabalho (agora mais do que nunca), que poderemos levantar a nossa luta dentro da escola; poderemos assegurar a defesa dos nossos colegas afastados, poderemos, em suma, não permitir um duro golpe no MA que sempre defendemos.

TODOS À RGA dia 5/12 às 11 horas!